

8

PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS NO FÓRUM NEGRO: REPRESENTATIVIDADE DAS CORPAS DISSIDENTES

*Bruno Novais Dias⁵⁵
Fernando M C Ferraz⁵⁶*

A presente reflexão traz um panorama analítico da presença dos protagonismos de gênero, sexo e sexualidade dissidentes⁵⁷ da norma cisheteropatriarcal,⁵⁸ que integraram as ações do Fórum Negro na Universidade Federal da Bahia. Essa configuração evidenciou-se a partir do segundo Fórum, e, a cada edição, instaura e potencializa o debate pelo engajamento de artistas pretes e seus cúmplices. A presença desse debate demarca um posicionamento interseccional sobre as questões étnico-raciais na universidade, apontando as normatividades heteropatriarcais, acolhendo e celebrando a expressividade LGBTQIA+, sua contribuição no campo das artes, suas ações de denúncia das contradições e violências que suas comunidades enfrentam na universidade e a projeção de utopias para as existências dissonantes.

O enfoque interseccional proposto nessas ações dialoga com o pensamento feminista negro de intelectuais como Patricia Hill Collins (2020), Angela Davis

55 Mestrando em Dança e Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança pelo Programa de Pós-graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (Ufba). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Atibaia. Bacharel em Dança pela Ufba. Interessado em pesquisar a afetividade negra enquanto instrumento propulsor de processos criativos.

56 Professor da Escola de Dança da Ufba. Doutor e mestre em Artes pelo IA (Unesp). Bacharel licenciado em História pela FFLCH-USP. Professor do Programa de Pós-graduação em Dança da Ufba e do Mestrado Profissional em Dança Prodan/Ufba. Membro do Grupo Gira (CNPq). Artista da dança, move-se entre os estudos da diáspora negra, história e performance.

57 A noção de dissidência, aqui apresentada, não deseja figurar como objetificação, mas apontar a dissonância de existências frente às normas impostas pela ideologia do sistema patriarcal e sua heterossexualidade e binariedade de gênero naturalizadas.

58 Neologismo indicado para referenciar a matriz cisgênera, heterossexual e patriarcal vigente na ideologia do sistema de gênero ocidental e sua lógica binária constituinte.

(2016), Lélia Gonzales (2018) e Carla Akotirene (2019), entre outras, com as quais a interseccionalidade pode ser entendida como forma de compreender e analisar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Os eventos e condições da vida sociopolítica não podem ser compreendidos como resultantes de fatores isolados. Eles geralmente são moldados por inúmeros condicionantes, de maneiras diversas e mutuamente influentes. As relações de poder, as vivências inscritas pelo e no corpo podem ser melhor apreendidas como decorrência de uma trama composta por imbricamentos de raça, gênero, classe, sexualidade, idade, deficiência e muitas outras implicações que atuam juntamente e se interinfluenciam. Dessa forma, a interseccionalidade, como uma ferramenta analítica, fornece aos sujeitos a possibilidade de um melhor acesso à complexidade do mundo e de si mesmos.

Vale lembrar que a abordagem interseccional se apresenta como recurso reflexivo que nos ajuda a entender problemas socialmente enfrentados, especialmente em ambientes historicamente excludentes, como as universidades. Estudantes, ao sofrerem distintas barreiras discriminatórias para acessar e permanecer na universidade, trazem experiências e necessidades muito diferentes. Isso evidencia como abordagens reparatórias são importantes, mas também muitas vezes incompletas, visto que muitos desses sujeitos se localizam em mais de uma categoria, estando vulneráveis a sofrer processos discriminatórios. Nesse sentido, a abordagem interseccional tem se constituído como ferramenta analítica, oferecendo respostas a esses desafios e demandas na atualidade.

Nesse âmbito, interessa-nos refletir sobre as presenças não hegemônicas das corpos⁵⁹ negres homoafetivas e/ou gênero discordantes do sistema binário em sua inerente condição de contestação e utopia. O pensador martinicano Edouard Glissant (2014) provoca-nos, ao afirmar que a intenção utópica no ocidente é sobretudo normativa, um desejo de harmonia. Sua reativação no campo político diaspórico, entretanto, não concebe nenhuma suposição normativa; ao contrário, concilia “toda medida e todas e quaisquer desmedidas” (GLISSANT, 2014, p.140), e sua função é acumular mundos possíveis. Nesse sentido, interessa-nos indicar que o debate epistemológico afro-diaspórico, ao convocar ancestralidades, saberes e fazeres de corpo afrodescendente, implica no reconhecimento das alteridades que os constituem. Assim, a luta pela inclusão desses saberes não pode prescindir das existências diversas que compõem a experiência negra no mundo.

Esses elos múltiplos de identificação negra fortalecem-se como horizontes de possibilidade. Ao confrontar as lógicas normativas da

⁵⁹ Em alguns momentos utilizaremos a palavra “corpo” no feminino, como estratégia que denuncia a estrutura masculina predominante na gramática normativa portuguesa. Esse uso reivindica uma desnaturalização das marcações de gênero correntes, propondo que possamos gingar com essa troca entre os gêneros como um ato político.

branquitude e apontar, persistentemente, a insuficiência dos modos existentes de pertencimento oferecido pelas instituições, proporcionam a consciência da necessidade da produção de novas formas de vida e organização. Portanto, o desejo de alternativas às normas dominantes sobre o gênero e raça, bem como a produção de olhares crítico-reflexivos capazes de interconectá-los em suas análises, produzindo olhares interseccionalizados, constituem um exercício político criativo de libertação, resistência e geração de afetos.

O contexto de criminalização dos discursos sobre gênero nas instituições de ensino, a realidade de violência transfóbica e de feminicídio denunciada em alarmantes estatísticas, bem como a realidade genocida sobre a população negra jovem periférica, obviamente pesam na urgência de posicionamentos que interconectem as imbricações entre arte e vida, pesquisa científica e sociedade, a criação poética e os atravessamentos sociais no campo das artes. Nesse sentido, é importante, mais do que nunca, preparar os subsídios teórico-reflexivos, poético-políticos e metodológico-educacionais que possam contribuir na formação cidadã de futuros artistas-pesquisadores, cujas subjetividades também são agentes em diálogo.

Dessa forma, entendendo que, a cada edição do fórum, faz-se urgente a convocação de abordagens que afrontem a lógica cisheteronormativa, devemos ressaltar também que, historicamente, compuseram a resistência negra clamores para que o debate étnico-racial fosse interseccional. Vimos isso desde a produção intelectual de pensadoras como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, até à atuação de grupos e coletivos organizados, como o grupo Adé-Dudu (primeiro grupo de homossexuais negros, integrado ao MNU), contribuindo para o desenvolvimento de uma orientação mais plural e interseccional dentro do Movimento Negro nos anos 1970 e 1980, sem mencionar a resistência histórica de figuras como Jorge Lafond (Jorge Luiz Souza Lima), Joãozinho da Goméia (João Alves de Torres Filho) e Madame Satã (João Francisco dos Santos), entre tantas outras bixas pretas que ousaram transformar o mundo com sua atuação empoderada.

Esses passos serviram de guia em meio à concepção e proposição de atividades durante o segundo e terceiro fóruns, que serão brevemente descritos a seguir. Na segunda edição, foi proposta a mesa “Artivismo Negro em Perspectiva de Gênero e Sexualidade”, pelo pesquisador e, na época, mestrando do PPGDança, Jadiel Ferreira, mediador do encontro. Foram convidados o Coletivo Afrobapho (Salvador-BA), a professora mestre Mônica Santana (doutoranda PPGAC/Ufba), o professor doutor Arivaldo Sacramento (Ufba) e o encenador Thiago Romero (graduando da Escola de Teatro da Ufba). A composição da mesa, realizada no Teatro Experimental da Escola de Dança, evidenciou a pluralidade de atuações. Temas como a censura nas artes cênicas, a performatividade do corpo de mulheres negras, a dramaturgia elaborada em diálogo com experiências dissidentes e a produção

independente de coletivos artísticos geraram uma série de discussões entre os participantes.

No terceiro Fórum Negro de Artes e Cultura da Ufba (FNAC), ocorreu a mesa “Entre afetos e Afrontos: gênero e sexualidade na dança negra”, proposta e mediada pelo estudante Eduardo Guimarães,⁶⁰ atualmente mestrando do PPGDança, e professor doutor Fernando Ferraz (PPGDança). Na ocasião, após a oficina de Stilleto, ministrada pelo artista Elivan Nascimento, ocorreu o debate com os artistas Elivan Nascimento, Lucas Monty, Dandara Akotirene, Valerie O’rarah e Bruno Novais. No encontro, artistas da cena e da dança – cujas criações dialogam com uma perspectiva anti-homofóbica, antitransfóbica, antissexista e antirracista – compartilharam suas trajetórias e motivações. No debate, ressaltou-se a potência da presença dos acionamentos políticos de gênero não binários nas danças urbanas, a quebra das expectativas de gênero a partir da vivência trans nos blocos afros de Salvador, o protagonismo da arte *drag* na cena soteropolitana e a elaboração de poéticas da homoafetividade na dança contemporânea. A partir dessas abordagens, apareceram interpelações sobre o tratamento da sexualidade e das identidades de gênero na formação docente nas artes, bem como considerações sobre o atravessamento intergeracional no reconhecimento dos legados de luta e resistência na comunidade LGBTQIA+.

Na quarta edição do FNAC, ressaltou-se a discussão sobre os corpos lidos como dissidentes. A mesa foi concebida pelo pesquisador Bruno Novais Dias, como ressonância de sua participação na edição anterior. Dias, ao compor o quadro de pessoas que colaboraram na organização e curadoria da programação para o IV FNAC, cuja temática geral escolhida foi “mulheres insubordinadas”, ressaltou a importância da proposição de uma mesa que enfocasse a importância das mulheres (cis e trans) na elaboração de práticas de resistência na composição do encontro. É importante destacar que, mesmo em um espaço como o fórum negro, que busca formas de proporcionar possíveis visibilidades para sujeitos e causas minorizadas, quando colocada a ideia dessa mesa, houve rejeições de alguns colegas – que não fazem parte do grupo de corpos abordados na mesa –, por entenderem que esse tema já havia sido contemplado na edição anterior e que poderíamos dar espaço para outras temáticas. Dias, ao questionar a afirmação posta pelo colega, trouxe os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), que compara a discrepância de casos de assassinato com mulheres trans no Brasil em relação aos Estados Unidos:

Em 2020, a ANTRA encontrou um número recorde de assassinatos contra travestis e mulheres trans. Um total de 175 casos foram mapeados contra

⁶⁰ Artista da dança, performer, palhaço, ator e apresentador de televisão e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação da Ufba

44 nos Estados Unidos. Já em 2021, nos quatro primeiros meses, enquanto nos EUA foram 19 pessoas trans assassinadas, no Brasil chegamos a triste marca de 56 assassinatos – sendo 54 mulheres trans/Travestis e 2 homens trans/Transmasculinis. São inúmeros os casos que apresentaram requintes de crueldade e uso excessivo de força, e espancamentos - indicativos de se tratarem de crimes de ódio. Tendo sido encontrados ainda 5 casos de suicídio, 17 tentativas de assassinatos e 18 violações de direitos humanos contra pessoas trans, no mesmo período. (ANTRA, 2021, p. 1).

Devido a tantas formas de opressão e violência existentes, é comum que, dentro desses espaços, criados para subverter essas lógicas, encontrem-se discordâncias sobre as escolhas de protagonismo, pois, naturalmente, cada sujeito vai defender a pauta com a qual se encontra mais imbricado. Entretanto, depois desses dados postos, a escolha do tema foi acatada, entendendo-se que é necessário pontuar essa pauta sempre que possível.

A princípio, o convite era para Matheuzza Xavier, mulher negra trans, atriz e graduanda pela Escola de Teatro da Ufba – que integrou como protagonista o célebre espetáculo *Pele negra, máscaras brancas* (2018)⁶¹ – e Alexandra Martins – mulher cis, preta, lésbica, que investiga memórias, ancestralidades e identidades nas criações artísticas de performance, instalação, fotografia e vídeo. Para a mediação, convidamos Jenny Müller, mulher trans, atriz, performer, modelo, roteirista e criadora de conteúdo digital, que possui uma presença ativa nas ações dos discentes moradores das residências universitárias da Ufba, fora outras atuações na cena artística de Salvador. Devido a alguns imprevistos, Alexandra não pôde participar no dia; então, Jenny entrou em seu lugar e Bruno Dias ficou na mediação. Por ironia do destino, a mesa acabou se tornando especificamente sobre corpos trans, trazendo uma rica discussão sobre suas vivências. Na conversa, as formas com que suas corpos são vistas e tratadas, a escassez de oportunidades de trabalho, a presença e permanência dessas corpos na universidade e estratégias e redes de aquilombamento dentro do universo artístico de ambas foram alguns dos temas discutidos no encontro. A partir dessa apresentação, detalharemos questões relevantes na fala das convidadas para refletirmos sobre esses atravessamentos, pensando nas pluralidades dessas corpos tidas como dissidentes.

1 INVISIBILIDADE NAS MÍDIAS E QUILOMBO DE AFETOS COMO ESTRATÉGIA SUBVERSIVA

Um dos assuntos abordados na mesa mencionada foi a falta de representatividade nas mídias quando falamos dessas corpos. Jenny e

61 Espetáculo baseado no livro de mesmo nome, do autor Frantz Fanon, dirigido por Onisajé, e interpretado pelo Grupo de Teatro da Ufba.

Matheuzza, a todo momento, pontuaram que, para esses sujeitos ganharem visibilidade, as pessoas precisam entender que esses seres *são humanos*. Isso se intensifica quando falamos de corpos trans, pois, como traz Jenny Müller, falando da sua experiência ao entrar na R1:⁶²

Dentro da residência eu tive que me reafirmar enquanto pessoa, porque isso é uma coisa que o sistema faz o tempo todo, tenta nos desumanizar e a gente tem que estar sempre tentando relativizar isso no sentido de não relativizar a violência, mas esse discurso de que não somos PESSOAS. As pessoas me cobravam muito um estado de performance diário, as pessoas achavam que o meu gênero era uma forma de apresentação performática e eu tinha que o tempo todo afirmar que não, que o meu gênero é quem eu sou no dia a dia. (MÜLLER; XAVIER, 2020).

Essa cobrança e livre permissão com que as pessoas cis, em sua maioria, sentem-se no direito de invadir o espaço e a intimidade do outro, advém dessa estrutura LGBTfóbica e racista, que reproduz a noção de que todo desvio do “padrão” é errado. É importante pontuar a intersecção entre raça, identidade de gênero e sexualidade nesses casos, pois a soma dessas camadas só potencializa as possíveis invasões. O autor Lucas Veiga, falando sobre uma segunda diáspora que as bixas pretas acabam sofrendo, por muitas vezes serem expulsas dos seus lugares seguros de convivência, devido à exposição de suas sexualidades, afirma que:

A racionalização branca produziu um senso de humanidade à sua imagem e semelhança, ou seja, quanto mais próximo da brancura mais reconhecido como humano se é, quanto mais próximo da negritude menos humano se é. (VEIGA, 2019, p. 80).

Quando consideramos o caso de corpos que não se localizam nessa lógica binária de padrão de identidades, o resultado é ainda pior. Matheuzza Xavier (MÜLLER; XAVIER, 2020) também pontua essa cobrança performática constante:

O nosso gênero ele é visto como um corpo que performa de forma ambulante, então a gente caminha, a gente tá performando, então as pessoas não conseguem compreender que essa expressão de gênero, que o nosso gênero, é parte da nossa identidade.

Se partimos da reflexão segundo a qual existe um costume presente, em nossa sociedade, de jogar para a margem tudo que soa como

⁶² Residência Universitária de número “01” da Ufba, chamada informalmente pelos dissentes de “R1”, a qual, junto com mais quatro espaços, abriga estudantes que não possuem condições financeiras para permanecer na universidade.

“diferente” do imposto nessa lógica dominante, como podemos discutir sobre representatividade midiática para falar dessas corpos? Devido às várias manifestações e movimentos sociais que brigam diariamente para conseguirmos conquistas nas instâncias jurídicas, políticas, históricas e sociais, hoje, é possível ver, com uma certa frequência, essas corpos dissidentes em programas de televisão, filmes e séries, mas quase que em um sistema de “cotas”. Na maioria das vezes, não ocupam um lugar de protagonismo – a não ser quando é para representar aqueles tão difundidos estereótipos.

Essa ponderação nos avisa o quão distante estamos da equalização dos acessos e dos direitos às vidas e experiências transgêneras. Quando conseguem evadir-se da violência naturalizada sobre suas corpos, precisam lidar com a tokenização⁶³ das oportunidades e da produção de *fakes news*⁶⁴ nos espaços de representação e visibilidade.

Com o crescimento da internet e o surgimento das redes sociais, de fato, é possível encontrar mais conteúdos abordando sobre questões LGBTQIAP+, sendo que a grande maioria dos artistas pertencentes a esses grupos não está visível nas mídias “tradicionais” como televisão, jornal, rádio e revista, por exemplo. Se levarmos em conta que, devido à desigualdade social do Brasil, muitas pessoas ainda só possuem a televisão e o rádio como fonte de informação e entretenimento, verificaremos que a grande maioria das pessoas tem, primeiramente, contato com horas de programação televisiva, antes mesmo de ir para escola, e que esse consumo se intensifica com o passar do tempo. Portanto, é extremamente necessário pensarmos no papel que essas produções midiáticas exercem na vida de cada sujeito. Nesse cotidiano, se as pessoas não têm o costume de ver corpos LGBTQIAP+ ou só as encontram nesses espaços em lugares de chacota e reprodução de estereótipos, é maior a probabilidade de essas pessoas imitarem ações desumanizadoras em seu cotidiano.

Como assinalam Dantas, Filho, Paim e Pereira (2011, p. 92):

Os estereótipos desempenham um importante papel na mídia televisiva, pois facilitam a transmissão de informação ao espectador, ao facilitar a assimilação da mensagem. Para tanto, os personagens são elaborados de forma pouco complexa e sem qualquer densidade, enquanto a simplificação das crenças acaba por reproduzir um pensamento reificado sobre os grupos

63 O termo token é utilizado no campo das relações étnico-raciais para designar o falseamento de processos supostamente antidiscriminatórios e antirracistas. Sua prática ocorre quando pessoas e organizações, atuantes em sinergia com os desígnios da branquitude, desejam mascarar espaços racistas e desiguais com a inclusão de uma única pessoa negra, utilizada como símbolo que pretensamente justifique a ausência de racismo e invisibilidade de pessoas negras ou grupos sociais minorizados.

64 Sobre o adensamento da reflexão referente às experiências de produção de *fakes* e da facetrans no Brasil, ver o texto “Corpos transformacionais: a facetrans no Brasil”, de Habib (2020).

sociais, favorecendo a expressão de realidade, de forma a sedimentar estereótipos e preconceitos.

Uma das estratégias de enfrentamento desses espaços é a criação de grupos e coletivos que visam a criar suas próprias maneiras de divulgar e fomentar os seus trabalhos. Núcleos, produtoras, coletivos e trupes juntam-se cada vez mais entre os seus no intuito de quebrar essa lógica capitalista que apenas beneficia um lado só. Conforme cita Jenny (MÜLLER; XAVIER, 2020):

Então, quando a gente começa a se unir, e eu digo isso no sentido de que nós, nossos pares, começamos a nos enxergar e nos fazer quilombo, nos unirmos de fato mesmo, como tem agora o “Tsunami Travesti” que é um coletivo de Salvador que tem artistas trans, não-binários, travestis e transexuais, a gente tenta ressignificar esses espaços e essa horda de violência que nos impede as vezes de conquistar o básico.

Quando Müller pontua a necessidade que temos de nos fazer “quilombo”, dialoga exatamente com a proposta sobre a qual Bruno Dias, atualmente, está se debruçando, intitulada *Quilombo dos Afetos*, que:

[...] consiste na construção de uma rede afetiva que priorize experiências de pessoas negras, no intuito de desenvolver um espaço seguro de troca e conhecimento pessoal, permitindo o fortalecimento do movimento negro e possibilitando que outros grupos sociais possam priorizar suas vivências afetivas como estratégia de resistência e (re)existência. (DIAS, 2020, p. 270).

Dias aponta, em seus estudos, que, ao gerarmos redes de apoio que nos permitem investigar ao máximo nossas potências em coletivo, podemos nos fortalecer e nutrir possibilidades de criação e resistência a partir de nossas vivências afetivas. Esse pensamento ressoa as proposições baseadas no conceito de *quilombismo*, de Abdias Nascimento (2019), que propõe uma forma de pensarmos em uma sociedade mais justa, que evidencie as conquistas e legados do povo preto.

O ponto dos afetos é importante, pois, como Bell Hooks (1993) descreve no seu texto “Living To Love”, por muito tempo as pessoas pretas ainda permanecem reféns de vários processos traumáticos quando tratamos da afetividade, devido ao período escravocrata. Somam-se a esses impactos o sentimento que Veiga (2019, p. 89) aborda ao afirmar que:

A sensação de não ter lugar, de não pertencimento, própria da experiência diaspórica, comparece também no campo do amor, da afetividade. A dificuldade nas relações amorosas está relacionada com a baixa do seu

senso de amor próprio. Não se amando como se é vivendo com a sensação iminente de rejeição, a bixa preta, por vezes, cai em um desses complicados arranjos: ou não se permite amar e não suporta receber o amor do outro quando amada, ou ama e se submete a uma relação em que não é amada, ou ama e é amada, mas vive em estado permanente de ansiedade devido à sensação de que a qualquer momento esse amor pode acabar.

No caso, o autor refere-se às bixas pretas, mas como em várias falas de Jenny e Matheuzza, dialoga com experiências de vida de outras corpos dissidentes. Nesse caso não é diferente, pois as pessoas negras LGBTQIAP+ acabam, em sua grande maioria, esbarrando em obstáculos ao longo de seus processos afetivos, pois precisam lidar com as armadilhas que o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) impõe, somadas aos perigos que a homofobia, transfobia, lesbofobia e LGBTQI fobia intensificam.

Ao focarmos nessas construções de redes e espaços que promovam um lugar seguro para (re)construirmos nossos laços afetivos intrapessoais, estamos gingando com as energias que tendem a nos separar e fragilizar pontos sensíveis de nossas convivências socioafetivas. Um exemplo pode ser encontrado no texto de Veiga (2019), já citado, no qual o autor aponta que essa segunda diáspora na vida da bixa preta acontece depois de suas relações sociais serem cortadas bruscamente por preconceito e discriminação, motivados pela simples existência de suas sexualidades. As primeiras “punições”, na maioria das vezes, acontecem através do rompimento e distanciamento do sujeito oprimido com os seus possíveis iguais, manifestando uma estratégia antiga de guerra e das ações coloniais – separar o inimigo para enfraquecê-lo.

Ações como do coletivo mencionado por Jenny e outros agrupamentos, como o Coletivo das Liliths,⁶⁵ o Núcleo EUS⁶⁶ e, até mesmo, o próprio Fórum Negro, que, em sua particularidade, constitui um coletivo no interior da comunidade acadêmica, vigilante ao propor um enfretamento das práticas racistas na universidade pública, fortalecem esse *quilombo de afetos*, permitindo que pessoas pretas de diferentes identidades de gênero e sexualidade possam se unir e cuidar umas das outras, para (re) conquistarem os seus lugares de direito. Como afirma Xavier (MÜLLER; XAVIER, 2020):

Eu sempre gosto de me ligar muito à cosmovisão dos povos iorubanos que justamente auxiliaram na constituição do candomblé aqui na Bahia, aqui no Brasil. Pra gente pensar que os corpos carregam energias femininas

65 Coletivo de artistas LGBTQI+ de Salvador voltado para a produção e difusão de trabalhos artísticos, que abordam temáticas transversais a esta comunidade.

66 Núcleo preto de produção de eventos e obras artísticas voltados a discutir questões raciais e suas intersecções como as questões LGBTQIAP+, feminismo entre outras pautas.

e masculinas, independente de qual característica biológica ele possua. Então, se a gente se apega a conceitos de povos tradicionais, a conceito de povos antes do período de colonização, esses povos pré-coloniais; se a gente retorna ao berço da humanidade, que é a África; se a gente olha para os povos tradicionais indígenas do Brasil, que já tinham outras experiências de sexualidade e de entendimento do que era feminino e masculino, a gente começa a reconstituir outras possibilidades de existência. Porque o que nós estamos fazendo é reexistir e fazer com que essas identidades tenham força para continuar existindo, porque elas sempre existiram. (XAVIER, 2020).

A fala da artista revela que essa luta por direitos e a crítica à reprodução binária dos papéis de gênero, bem como as expectativas sobre os comportamentos, relações, identidades e vivências sexuais, possuem uma história complexa e nem sempre reproduziram as expectativas e hierarquizações de nosso tempo. Nesse sentido, cabe a luta política, os posicionamentos cotidianos, a construção de redes de apoio e afeto, a defesa de ambientes em que a diferença seja respeitada e tratada como estratégia fundamental na qualificação positiva das relações a possibilidade de construir e anunciar mundos mais íntegros e justos.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além do urgente olhar sobre as teorias de gênero, os estudos decoloniais e os olhares interseccionais, é importante ressaltar que a presença e a contribuição das corpos pretas – ao desviarem-se dos desígnios da branquitude – apresentam, em seus fazeres artísticos, um enfrentamento aos conservadorismos de nossa sociedade. Seus criadores e suas corpos entrelaçam arte e vida, contaminando-nos com suas poéticas políticas de dissidência da normatividade sexual e de gênero.

A convocação dessas corpos nas edições anteriores, assim como nos encontros futuros do Fórum Negro, possibilita que suas políticas de afronte, suas práticas de aquilombamento e cuidado produzam uma arte cujo afeto principal é a liberdade de ser o que se é, de não temer o amor e o prazer, de nos educar sobre o que é o respeito e a valorização das diferenças, de lutar para ocupar os espaços de poder sem perder a delicadeza. Suas presenças nos ensinam a descolonizar o amor, a reivindicar a alteridade que constitui nossas ancestralidades e imaginar mundos possíveis em suas desmedidas.

REFERÊNCIAS

- AKOTINERE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
ALMEIDA, Silva. **Racismo Estrutural**. 2. ed. São Paulo: Pólen, 2019.

- ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Assassinatos contra travestis e transexuais em 2021**, Rio de Janeiro, n. 1, maio 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro** – Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2020.
- DANTAS, Gilcimar; FILHO, Valter; PAIM, Altair; PEREIRA, Marcos. Estereótipos e preconceitos nas inserções publicitárias difundidas no horário nobre da televisão baiana. *In*: BATISTA, Leandro; LEITE, Francisco (org). **O negro nos espaços publicitários brasileiros**: perspectivas contemporâneas em diálogo. São Paulo: EcaUSP, 2011.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIAS, Bruno. Afetos dissidentes, corpos vigentes: Reflexões sobre a homoafetividade negra na dança contemporânea. *In*: ALCÂNTARA, Celina; CONRADO, Amélia; FERRAZ, Fernando; Paixão, Maria. (org). **Dança e Diáspora Negra**: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras. Salvador, 2020.
- GLISSANT, Edouard. **O pensamento do tremor**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.
- GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora africana, 2018.
- HABIB, Ian Guimarães. Corpos transformacionais: a facetrans no Brasil. **Revista Arte da Cena**, v. 6, n. 2, ago-dez/2020. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- HOOKS, Bell. **Living to Love: Women's Health. Emmaus**: Rodale, v. 5, 1993.
- MÜLLER, Jenny; XAVIER, Matheuzza. Corpos Dissidentes, Corpos Presentes! Intersecções entre Raça, Arte, Afetos e Fexações. **IV Forum Negro de Arte e Cultura**, 29 out. 2020. 1 vídeo (85 min.). Publicado pelo canal Fórum Negro de Arte e Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oMEWdk0zVUG>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documento de uma militância Pan-africanista. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: diáspora da bixa preta. *In*: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf (Org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019.